

L'esprit Français em terras paranaenses: a Revista *A Escola* (1906-1921) e a Belle Époque

*L'esprit Français in Paraná lands: the magazine *A Escola* (1906-1921) and the Belle Époque*

Fernando Tadeu Germinatti*

Simone Burioli**

Palavras-chave:

Imprensa

Paraná

Belle Époque

Resumo: Este artigo analisa a Revista *A Escola*: revista do grêmio de professores públicos do Estado do Paraná (1906-1921), publicada na cidade de Curitiba. Metodologicamente a revista foi localizada e catalogada a partir da Hemeroteca Digital que faz parte do acervo da Biblioteca Nacional. Objetiva-se apresentar as ideologias educacionais predominantes no período de circulação da revista, bem como suas manifestações no periódico. Na continuidade deste objetivo buscou-se discutir a influência francesa na revista com ênfase na *Belle Époque*, que exerceu forte presença no imaginário da população brasileira e aparece com destaque na revista incentivando a aprendizagem da língua francesa, com uma seção específica sobre o assunto, chamada *Estudinho de Francês*. Como resultado podemos afirmar que o ideal de ser, falar e se comportar como um europeu civilizado foi incentivado pela revista e esteve atrelado ao interesse dos viajantes e intelectuais que nas primeiras décadas do século XIX aumentam sua atração pela América do Sul.

Keywords:

Press

Paraná

Belle Époque

Abstract: This article analyzes Revista *A Escola*: a magazine of the public teachers' union of the State of Paraná (1906-1921), published in the city of Curitiba. Methodologically, the magazine was located and cataloged from the Digital Newspaper Library, which is part of the National Library's collection. The aim is to present the predominant educational ideologies during the magazine's circulation period, as well as their manifestations in the periodical. In pursuit of this objective, we sought to discuss the French influence on the magazine, with an emphasis on the *Belle Époque*, which exerted a strong presence in the Brazilian population's imagination and appears prominently in the magazine, encouraging the learning of the French language, with a specific section on the subject, called "*Estudinho de Francês*." As a result, we can affirm that the ideal of being, speaking, and behaving like a civilized European was encouraged by the magazine and was linked to the interest of travelers and intellectuals who, in the first decades of the 19th century, increased their attraction to South America.

Recebido em 06 de agosto de 2025. Aprovado em 26 de setembro de 2025.

Introdução

O objetivo desta pesquisa é verificar por meio da revista *A Escola*: revista do grêmio de professores públicos do Estado do Paraná, publicada em Curitiba entre os anos de 1906 e 1921, indícios da

ideologia¹ predominante do período histórico que se encaixa no início da República e a influência francesa em terras paranaenses. Conforme direciona Claudia Maria Petchak Zanlorenzi (2010, p. 61) "discutir sobre a educação, principalmente a ideologia que influenciavam os discursos referentes a

* Doutor em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: germinattifer@outlook.com.

** Professora Associada do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPEdu) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: prof.simone@uel.br.

essa, é uma forma de vislumbrar os interesses que permeavam e ainda permeiam a educação do povo". Certamente, com a presente pesquisa são destacadas as mobilizações da revista *A Escola* ao redor dos assuntos pedagógicos.

Este artigo encontra-se dividido em três partes. Na primeira, realiza-se uma discussão teórica sobre a imprensa e sua relevância no papel de representar algo e também de incutir valores na sociedade por meio das matérias recorrentes que reforçam determinado ideal. Na segunda parte do texto, pretende-se apresentar e discutir a revista *A Escola* (1906-1921) e seus traços ideológicos mais marcantes. Por fim, na terceira parte do texto, destina-se atenção ao período da *Belle Époque* (Bela Época) e à influência do estudo de francês na revista. No âmago dessa discussão, é pertinente apontar que a subjetividade presente no relato jornalístico não torna menos válidas as fontes impressas, pelo contrário, visto que, enquanto fonte de pesquisa primária, os jornais oferecem ao pesquisador valiosíssimas marcas da passagem dos sujeitos em um tempo e em espaço.

A partir da segunda metade do século XIX, com a ebulação de ideais positivistas, darwinistas e naturalistas, a imprensa recebeu a intelectualidade para debater essas ideias e se estabeleceu enquanto importante intermediadora entre a intelectualidade e a sociedade. É necessário destacar também o período envolto ao que foi chamado de *Belle Époque*, caracterizado pelos avanços científicos e transformações culturais. A *Belle Époque* francesa foi um período de transformações econômicas, culturais e políticas e normalmente é definido 1871 como seu início, quando França e Alemanha assinaram o Tratado de Frankfurt (Lima, 2017). No Brasil o marco inicial da *Belle Époque* pode ser colocado em 1889 com a Proclamação da República, percorrendo até a Semana de Arte Moderna de 1922, um período marcado principalmente pelo esforço das elites de se modernizarem perante o mundo e com inspirações francesas, período este que coincide com o recorte temporal da revista escolhida para análise e isso justifica as relações presentes neste periódico com a *Belle Époque*.

Nesse período, é possível pensar na figura do *flâneur*². No Brasil do início do século XX, quem melhor internalizou essa figura foi João do Rio

(1881-1921), que por meio da sua crônica-reportagem denunciava as mazelas sociais e desigualdades existentes na então capital federal Rio de Janeiro. Da segunda metade do século XIX ao início do século XX, a partir da crônica, a imprensa se transformou em instrumento de denúncia social, opinião e crítica. Foi sobretudo um período frutífero de produção intelectual na imprensa, atenta às transformações decorrentes do espírito da *Belle Époque*. À propósito, no Brasil do século XIX, até mesmo o modelo de jornalismo buscado foi o francês, em que a literatura integrava a prática jornalística (Bulhões, 2007).

Inserido no campo de estudos da História da Educação, corrobora-se com Adriana Pinto de que “especializada em ensino ou de circulação geral, a imprensa é fonte fértil para auxiliar a escrita de uma história da educação brasileira” (Pinto, 2013, p. 24). Diante dessa articulação, este artigo pretende também amparar-se em diversificadas e consistentes bibliografias vindas das Ciências Humanas. A revista *A Escola* está disponível no site da Hemeroteca digital, dentro da Fundação Biblioteca Nacional, que consiste em um portal de periódicos nacionais para ampla consulta em seu acervo de jornais, revistas, anuários e boletins. Há publicações desta revista nos anos de 1906, 1907, 1908, 1909, 1910 e 1921, considerando um espaço de 11 anos até a publicação do último exemplar.

Trata-se de uma publicação mensal do Grêmio dos Professores Públicos do Estado do Paraná, realizada em Curitiba³ a partir de fevereiro de 1906, tendo como redator chefe inicial Sebastião Paraná⁴, que ao lado de Dário Vellozo⁵, dirigia a revista. Por conseguinte: “Entre 1906 e 1910, o periódico constituiu-se em espaço para reflexão (e contestação) de questões educacionais locais, em defesa de um ensino laico e gratuito, como uma expressão de uma prática de igualdade e liberdade” (Pinto, 2020, p. 12). Na relevância desta revista, temos pesquisadores que já debruçaram seus esforços para investigá-la e com os quais mantemos diálogo neste artigo, são eles: Marach (2007); Zanolrenzi (2014); Zanolrenzi e Nascimento (2017, 2021); Neuza Pinto (2020); Nascimento, Zanolrenzi e Leal (2020) dentre outros.

Imprensa e relevância do seu papel na pesquisa em História da Educação

Inicialmente, é pertinente considerar que “os periódicos fazem parte de um sistema de comunicação com temporalidades e territorialidades próprias” (Barbosa, 2018, p.29). Tendo em vista, portanto, o levantado por Marialva Barbosa (2018), é válida a afirmação de que trabalhar com periódicos envolve desafios intrínsecos à existência da fonte. Isto é, significa apontar que estão imbuídos de interesses, desejos e subjetividades, sendo tarefa e responsabilidade do(a) pesquisador(a) saber interpretá-los (Barbosa, 2005). Ao pensar aqui o uso da imprensa como fonte nos trabalhos em Ciências Humanas e Sociais (CHS), e mais em específico, em História da Educação, é necessário trazer o apontamento preciso da historiadora Tânia de Luca de que: “A capacidade da imprensa de colocar-nos em contato com as representações de uma época transformaram-na em fonte privilegiada para o pesquisador das Ciências Humanas [...]” (Luca, 1996, p. 94). Contudo, insta apontar que o pesquisador não deve tomar a fonte como documento pronto, definido e dado, mas sim como documento que requer ser problematizado e interpretado.

Direcionando o foco para a imprensa enquanto fonte, o trabalho com a imprensa, seja ela pedagógica ou não, permite/requer interpretações sobre os acontecimentos passados e presentes. Isto posto “[...] a interpretação que o investigador fará de suas fontes será balizada pelas demandas históricas de sua própria circunstância” (Toledo; Junior, 2012, p. 258). Logo, nesse percurso, é pertinente afirmar que o passado é inatingível, nunca será possível ver/presenciar o que de fato ocorreu, cabendo ao pesquisador “apenas” um vislumbre de uma luz espalhada que reflete os acontecimentos de um tempo, confrontando a ideia de que a imprensa transmite exatamente a realidade dos fatos (Bulhões, 2007).

Destarte, muito em razão disso que a jornalista e historiadora Marialva Barbosa (2005), sinaliza que o “principal postulado da historiografia refere-se à questão da interpretação: não se trata de recuperar [...] mas interpretar - a partir da subjetividade do pesquisador - as razões de uma determinação ação social” (Barbosa, 2005, p. 53). Conforme indicou o historiador Nelson Sodré (1911-1999): “a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista” (Sodré, 1966, p. 1). Isto é, o desenvolvimento da imprensa e de suas atividades e práticas está articulado ao próprio desenvolvimento do capitalismo, datando do século XIX, que a imprensa estrutura-se na forma de uma empresa capitalista, que visa ao lucro. Nessa lógica, se o jornal/revista é uma empresa, a notícia torna-se um produto valioso na sociedade a ser adquirido. Nesse processo de “sobrevivência”, portanto, “[...] (no) século XX [...] os proprietários das empresas jornalísticas abandonaram os métodos artesanais e, em consonância com os interesses ditados pelo lucro, passaram a administrar racionalmente o empreendimento” (Luca, 2005, p.133).

Em tais condições de existência, portanto, ao considerar a chamada Primeira República (1889-1930), a imprensa noticiou os debates e acontecimentos de sua época, conviveu e fez circular ideias literárias, culturais, políticas e educacionais e também, ao mesmo tempo, enalteceu, incentivou, controlou e puniu padrões de comportamento. Nessa compreensão, a imprensa concentra as discussões que mobilizaram a sociedade, registrando determinadas pautas que fizeram ecoar num dado momento histórico. Portanto, torna-se possível ao pesquisador(a) acessar um vislumbre do passado, cabendo sempre que o faça lançando mão da interpretação crítica e entrecruzamento com outras fontes.

É oportuno ainda inferir que, a utilização da imprensa enquanto fonte é relativamente recente, com mais precisão, datando das últimas cinco

décadas. Antes disso, jornais e revistas eram vistos como fontes suspeitas, carentes de neutralidade. Contudo: “ao lado da imprensa e por meio da imprensa o jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica” (2005, 17 p. 118). Nesse entendimento, portanto: “A opção pelo impresso permite revelar vozes, propostas, anseios e realidades de atores diversos que muitas vezes têm sido negligenciados pelas correntes historiográficas tradicionais, oficialistas” (Pelegrini; Nery; Honorato; 2016, p.10).

Pensando nas primeiras décadas do século XX, a imprensa fez circular uma infinidade de gêneros textuais, compostos de notícias, artigos opinativos, editoriais, cartas ao leitor, entrevistas, crônicas e poemas voltados aos temas de uma realidade específica que ajudam a lançar luz sobre aspectos entendidos como relevantes de um tempo. É no contexto das últimas décadas do século XIX ao fim da primeira metade do século XX, em específico, que a imprensa configurou-se como elemento chave na condução de discussões públicas, fazendo-se ela, portanto, “o centro da atividade da maioria dos intelectuais que se interessavam por questões sociais e ditava o formato do que publicavam” (Skidmore, 2012, 302).

Portanto, é válido considerar que a imprensa existente ao longo da primeira metade do século XX ocupou um papel fundamental na vida social, permitindo a circulação dos saberes, ideias e notícias. Destarte, os intelectuais fizeram das páginas dos periódicos um grande palco para debate, exposição, geração de novas ideias e disputas de interesses pessoais. Nesse entendimento, dentro daquele mundo em transformação: “A imprensa seria, nesse sentido, uma janela para o mundo” (Pinto, 2013, p. 39). Nessa descortinar, a imprensa torna-se palco da inteligência nacional para disseminação e produção de saberes. Nesse ínterim, a imprensa fez-se uma atraente oportunidade de trabalho para os intelectuais (Luca, 1996). De fato, percorrendo pelo viés historiográfico, os periódicos transformam-se mais do que útil para análise da narratividade dos

fatos passados. Nesta ótica, consideram-se os jornais e revistas dispositivos culturais discursivos de poder político e social.

Desse ponto de vista aqui direcionado, a imprensa tornou-se símbolo de poder, modernidade, avanço técnico, sinônimo de cultura e civilidade, em que modelos de vida e saberes eram transmitidos em páginas impressas. Nessa esfera, destaca-se a imprensa especializada. Os impressos especializados, assim, podem ser “concebidos como organizações discursivas complexas relacionadas a sistemas de classificação, critérios de recorte e modos de significações” (Pelegrini; Nery; Honorato; 2016, p.12). É plausível destacar a imprensa pedagógica, operária, religiosa, feminina, militar dentre outras. Atenta-se aqui para a imprensa especializada pedagógica, criada no século XIX. Os impressos especializados direcionados a um público leitor específico diferem-se da imprensa aberta voltada ao público mais amplo. Nesse quadro, a produção dos jornais e revistas pedagógicas no início do século XX ocupa um lugar de destaque na História da Educação. Nesse ínterim, é possível entender a imprensa pedagógica como “espaços nos quais são postos em jogo os mais diversos interesses e, ao mesmo tempo, onde disputas se concentram em prol dos discursos que produzem e, por que não dizer, dos perfis que pretende formar” (Santos; França, 2020, p.5).

Assim, assume-se que “a imprensa se revela importante aliada na compreensão de temas pertinentes ao cenário social” (Pinto, 2013, p.27). Portanto, trabalhar com a imprensa requer que o pesquisador vá além do discurso e interroge seu próprio veículo impresso enquanto fonte, isto é, levante as características físicas e editoriais do periódico. Consoante a isso, certamente, trabalhar com imprensa pedagógica enquanto fonte primária é ter diante de si discussões que mobilizaram e impactaram uma sociedade em um tempo e espaço definidos. Nesse ínterim, as revistas pedagógicas/educacionais, “tiveram uma história relevante na educação brasileira, pois produzidas por professores para professores, tinham como objetivo a

formação docente e o aperfeiçoamento do trabalho pedagógico" (Zanlorenzi, 2010, p.66).

Sendo assim, a imprensa "em educação ocupa posição de considerável importância para a conformação do ideário republicano, atuando como agente na difusão de elementos agregadores e legitimando um conjunto de práticas bem sucedidas" (Pinto, 2013, p.43). Sob esse prisma, a imprensa pedagógica, possibilita a reflexão dos debates educacionais de um dado tempo. Nessa reflexão, José Gondra pensa a imprensa pedagógica "como ponto de interseção entre saberes e poderes, múltiplos e heterogêneos, que participam da definição de formas educativas" (Gondra, 2020, p. 23-24). Evidencia-se que contato com a imprensa especializada pedagógica permite ao pesquisador em História da educação melhor compreender as dinâmicas e ideologias educacionais ao longo do tempo.

A esse respeito, a revista *A Escola* ocupa um lugar ímpar na disseminação de um ideal educacional (Zanlorenzi; Nascimento, 2017). Quanto aos seus aspectos técnicos de produção, Claudia Zanlorenzi e Maria Nascimento indicam que a revista *A Escola*⁶ era impressa em "papel jornal, com número de páginas contínuas durante o ano, vinte páginas em média, em formato de tabloide, não trazia ilustrações e nem propagandas" (Zanlorenzi; Nascimento, 2017, p.25). Tais características fornecem condições de interpretar a revista, fazendo-se um procedimento necessário na análise de periódicos. Em outras palavras, conforme sugerem Cruz e Peixoto (2007): "Ao iniciar sua análise, folheando alguns números estratégicos do jornal ou revista, é importante atentar para a composição do projeto gráfico/editorial daquela publicação" (Cruz; Peixoto, 2007, p. 262).

Assim, indo ao encontro das edições da revista *A Escola*, disposta nos arquivos da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), mergulha-se nas características técnicas da revista. Com publicação mensal, as assinaturas da revista custavam 4.000 mil

réis quando assinadas para um semestre e 6.000 mil réis para assinatura anual. O escritório e redação da revista *A Escola*, escrita em Curitiba, localizava-se na Rua Assungui, número 5, permanecendo no endereço até a terceira edição da revista, que seria redigida na rua Cabral, número 10. A partir da sétima edição a revista seria escrita na rua Silva Jardim, número 108. A partir de 1910, a sede redação teria como endereço a rua Praça Zacarias, número 3.

Dentre os temas abordados pela revista *A Escola* em suas edições publicadas nos anos de 1906, 1907, 1908, 1909 e 1921, abordou-se educação, instrução, ensino, educação moral, ensino agrícola, questões gramaticais, língua portuguesa, estudos de francês e questões de *hygiene*. Nessa perspectiva, tais temas abordados devem ser interpretados enquanto demanda educacional do início do século XX. Em seu primeiro número publicado em 1906, Sebastião Paraná inferiu o seguinte: "Esta revista é o Orgam do Gremio dos Professores Públicos do Estado do Paraná. Ella vem, não só preencher uma lacuna mas ainda lidar sincera e descaradamente em pró do progredimento da instrucção pública do nosso futuro Estado" (*A Escola*, 1906, p. 1). Em seu número inaugural, a revista anunciaava:

A redacção da Escola será auxiliada com a collaboração dos festeajados escriptores Dario Vellozo, Dr. Emiliano Pernetta, Dr. Azevedo Macedo, Euclides Bandeira, Nestor de Castro, Leoncio Correia, Rocha Pombo, Nestor Victor, Dr. Antonio Braga, Generoso Borges, Domingos Nascimento, Conego Braga, Serafim França, Ricardo de Lemos, Dr. Ermelino de Leão, Alluizio França, Julio Pernetta, Dr. Claudino dos Santos, Dr. Carvalho de Mendonça, Chichorro Junior, Romario Martins, Lucio Pereira, e outros igualmente apparelhados para os prelios gloriosos da intelligencia. Só as pennass brilliantissimas destes eximios litteratos e scientistas sao sufficientes para impor e recommendar esta revista, que procurará cumbrir o seu dever em prol da expansão intellectual da terra paranaense (*A Escola*, 1906, p. 17).

Nesses termos, reuniram na redação da revista, professores, poetas e advogados, buscando abordar a educação em suas múltiplas faces. Diante de tal inferência, partiu-se a explorar a ideologia disseminada na fonte.

A Revista *A Escola* e as ideologias educacionais

A educação na sociedade brasileira do início do século XX toma um formato bem definido que é servir de instrumento para a formação do novo homem republicano, tido como cidadão. O ambiente escolar era visto como espaço privilegiado para realização desta formação, ganhando um destaque fundamental no período. No bojo dessa indicação, é fundamental considerar que as primeiras décadas do século XX vivenciam a euforia proporcionada pela modernidade. Destarte, “era necessário convencer todos os cidadãos de que, com a República, a sociedade rumaria à modernidade e ao progresso, fato que, no antigo regime monárquico, não se efetivou dada a ignorância do povo que não tinha condições de perceber tal situação” (Zanlorenzi; Nascimento, 2017, p.28). A escola foi interpretada como instituição chave para enquadrar o Brasil no rol das “nações civilizadas”. Vale apontar que a República traz o anseio em modernizar, civilizar e regenerar a nação. Para tanto, a educação responderia à essa “ânsia moderna”. Retornando no texto inaugural da revista, Sebastião Paraná (1864-1938) bem apontou que “no regimen republicano o problema da instrucção se impõe e reclama prompta solução” (Paraná, 1906, p. 1).

O espaço escolar seria então um direito de todos os homens na Primeira República e “recinto que a inteligência dos pequeninos seres [...] se vai desenvolvendo e inundando da luz cambiante e redemptora da instrução” (Souza, 1906, p. 2). Além do papel fundamental que a escola assumia neste

período histórico, era fundamental indicar que com toda essa renovação a sociedade entraria nos eixos por meio da modernidade e do progresso, este processos de convencimento dos cidadãos aconteceu também com o auxílio da imprensa e tinha como foco vencer a ignorância do povo, tão evidente no regime anterior, nas palavras de Pinto (2013, p. 41) seria um “indicativo de modernidade, nesse aspecto, seria erradicar o analfabetismo que grassava o país naquele momento”.

Para confirmar isso por meio da revista, em dois textos de Dario Velozzo (1869-1937), temos o seguinte trecho elevando a escola ao papel de salvadora “a causa, não o perguntamos à raça: mas, ao habitat, à Pedagogia. Ao habitat, melhora-o a Sciencia: - o problema, portanto, é resolvido pela Eschola” (Vellozo, 1907, p.3). A educação escolar era vista como um remédio para a situação do povo e também servia de parâmetro para a formação do novo homem republicano, e a busca era por ações que reforçasse este papel de uma escola, com espaço e métodos únicos, “é preciso tornar a escola um todo homogêneo” (Vellozo, 1908, p.3). Nas palavras de Marach (2007, p. 55):

No caso do ambiente curitibano de 1900, o sistema educacional não era diferente. Segundo apontam os discursos, muitos alunos não chegavam a cursar o ensino secundário, pois se viam obrigados a abandonar os estudos prematuramente para se dedicarem ao trabalho. Por outro lado, uma pequena parcela da população, mais abastada, tinha condições de manter seus filhos na escola de modo que eles completassem sua formação secundária sem precisar trabalhar para angariarem o próprio sustento. A distinção social por meio do sistema educacional das escolas do estado não se dava, porém de um modo explícito, mas sua existência já era consentida pelos escritores de *A Escola*, cujos discursos fazem menção a dois tipos de alunos: o ‘bacharel’ e o ‘prático’.

É ainda a mesma autora que explica a diferença entre os termos: o primeiro não estava necessariamente relacionado ao indivíduo

diplomado em curso superior, “de modo geral, o termo bacharel⁷ foi usado pelos educacionistas para fazer menção aos estudantes que, na sua maioria tinham condições de concluir o curso ginásial secundário”. Já o segundo tipo de aluno, o prático, representava a grande maioria do corpo discente das escolas primárias do estado, que “pelas precárias condições de vida em que esse aluno se encontrava, era obrigado a priorizar a subsistência em detrimento de sua formação intelectual” (Marach, 2007, p. 56). Nas pesquisas empreendidas por tal autora, nenhum destes dois tipos de alunos - teórico inútil e o prático ignorante - estavam preparados para os tempos modernos. Podemos perceber que as mudanças na ordem política não necessariamente trouxeram mudanças de ordem educacional mais evidentes, a instrução foi utilizada neste período para adaptação à ordem social vigente e não para a emancipação do indivíduo.

Não por acaso, conforme orienta Cynthia Greive Veiga “na maioria das vezes a oferta desigual esteve associada com a pobreza das famílias e o trabalho das crianças” (Veiga, 2022, p.276). Portanto, a educação era marcada por contradições, pois apesar dos discursos de igualdade de oportunidades, o acesso à educação era limitado para a maioria da população.

Assim, todos os cidadãos se sentem parte do processo e envolvidos nele. Quem seria esse cidadão numa sociedade baseada na igualdade de direitos? Numa forma de governo representativa, nos idos da sociedade brasileira republicana, cidadão seria o que poderia participar do sufrágio universal. Aquele que teria participação política, ou seja, os homens alfabetizados, com condições para exercer a cidadania, aliás os que tinham acesso à propriedade intelectual, visto que a participação pelo sufrágio universal não era mais pela renda e sim pela instrução (Zanlorenzi; Nascimento, 2017, p. 26).

O ensino oferecido às classes populares era rudimentar, visando apenas capacitá-las para o trabalho. Os grupos escolares, um modelo de escola

que implicou grandes modificações no contexto escolar, organizando de forma diferente o tempo e o espaço da instituição de ensino, acabaram por compactuarem com o ideal de escola moderna almejada na República. Os primeiros grupos escolares foram criados em São Paulo, no ano de 1893, segundo investigações de Souza (2006, p. 116) e “atrelaram a retórica arquitetônica à racionalidade pedagógica da escola graduada. Vários edifícios foram construídos especialmente para essas escolas, adotando estilos arquitetônicos neoclássicos e ecléticos” O modelo paulista foi seguido por outros estados, e no Paraná chegou em 1903, entretanto, a revista *A Escola* por meio do texto “Escola Moderna”, denuncia que “[...] no Brazil, a instrucção do povo, confiada infelizmente aos governos estadoaes e municipaees, vegeta no mais criminoso abandono” (*A Escola*, 1908, p. 12). É sintomática a citação acima acerca do abandono público quanto ao ensino (e também saúde) da população brasileira.

Devemos estabelecer um ensino “[...] em bases seguras, rectas, inflexíveis, unificando-o em toda a República” (Velozzo, 1907, p.2), essas são as afirmações do diretor da revista, Dario Velozzo (1869-1937), em uma matéria intitulada “Subsídios Pedagógicos” no número de 1 a 4 da revista *A Escola*. Mais adiante na revista, o referido diretor já aponta uma “reforma cabal de todo o ensino, - primário, secundário e superior- nos diversos cursos da República”, sendo que na edição de julho a dezembro de 1910 a revista *A Escola* completa o V ano de sua publicidade, e o diretor, Dario Velozzo, deixa seus agradecimentos aos colaboradores, a imprensa e ao magistério em geral. Os ideais da psicologia ficam evidentes nesta edição por meio da matéria de Claudino dos Santos (1862-1917), intitulada “Ligeira excursão pelos domínios da Psychologia do ensino” reflexo das discussões da época e das mudanças metodológicas que já deviam aparecer nas escolas:

Não pode bem cumprir sua missão, satisfazer o fim que se collima, aquelle que faz do ensino simplesmente o seu ganha-pão, sem outra tendencia e outra preocupação que não a de ver e a de sentir os dias escoar-se para fazer jus, no fim do mez, à percepção do ordenado que lhe marca o orçamento dos governos.

Missão nobre, missão edificante, essa que faz do homem o apostolo da alevantada cruzada do ensino!

Instruir e educar! Eis a função do professorado moderno.

Quão diferente a escola, com as facilidades e os encantos, com as suavidades e os processos actuaes, da velha e gasta rotina dos afastados tempos de antanho!

Sem estudar em cada creança as suas tendencias, a sua vocação, os seus vícios e as suas virtudes, o seu caracter, em summa; sem fazer de cada alumno um estudo de psychologia infantil, por onde melhor possa empregar os methodos do ensino, falha a tarefa, baldos os meios, infructíferos os esforços (Santos, 1910, p. 268, grifo nosso).

Este excerto é provocativo, pois ao mesmo tempo que direciona o foco à psicologia infantil e aos métodos de ensino, nos faz pensar no contexto da educação brasileira no início do século XX em que sob os auspícios da racionalização moderna, primava-se por uma escolarização livre, laica e gratuita (Zanlorenzi e Nascimento, 2017). Em outro momento nas páginas da *A Escola*, a preparação dos alunos destinando-os para o trabalho fica evidente “Considerando que o fim da educação moderna é preparar o homem do futuro para a vida independente – para o trabalho, ensinando-o a confiar no seu próprio esforço e nas suas aptidões” (*A Escola*, 1908, p.16).

Belle Époque* e a influência francesa na Revista *A Escola

A *Belle époque* (Bela Época) teve início no século XIX, em 1871, na capital francesa de Paris, e se estendeu até 1914, data de início da primeira guerra mundial (1914-1918). O período de 1871 a

1914⁸ esteve marcado pelo entusiasmo e otimismo quanto às “promessas da modernidade”. Isto é, a crença de que a tecnologia, a ciência e o progresso conduziram a humanidade. Naquele período, Paris vivenciava as transformações decorrentes da expansão urbana, da haussmannização⁹ e da industrialização. Décadas mais tarde, já no início do século XX, Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, passaram a implementar as mesmas reformas urbanas nas cidades, visando a modernização e embelezamento dos centros urbanos. No entendimento de Pesavento (1999) o modelo Haussmaniano de reformulação urbana viajou no tempo e no espaço, e foi reapropriado em vários outros contextos.

É necessário considerar, assim, a influência que a França exerceu no imaginário da população do início do século XX. O brasileiro queria ser europeu, e naquele contexto, queria ser francês. E portanto, era preciso vestir-se, comportar-se e falar como tal. “Havia um desejo avassalador de demonstrar que o Brasil era um digno posto avançado da civilização europeia. Partia-se do princípio de que a elite dominava com fluência o francês falado e escrito” (Skidmore, 2012, p.145). A elite aspirava ser francesa, para tanto, falar, escrever, ler e comportar-se de acordo. Este anseio pode ser observado nos excertos da Revista *A Escola* (1906, 1907 e 1910) apresentados abaixo.

Nesse sentido: “Vivia-se uma época em que as personagens mais ilustres da sociedade reivindicavam e cultuavam o modelo de civilização e modernidade da França, adotando também a língua e a cultura francesa, no Brasil” (Franco, 2008, p.13). Consoante Paulo Franco (2008), é pertinente considerar que naquele contexto, tomou-se como referências culturais, literárias e intelectuais as produções de origem francesa. A língua francesa ganhou no século XIX roupagem de língua universal. Foi em 1837, com a criação do Colégio Pedro II, que a língua francesa tornou-se parte do

ensino obrigatório na escola secundária (Pietraróia, 2008).

Contudo, ponto ainda pouco explorado e que deterá atenção nas próximas linhas é a influência francesa na educação brasileira e na imprensa pedagógica do início do século XX. Na Revista *A Escola* temos uma seção chamada Estudinhos de Francês (A Escola, 1906, p. 52) que indica um diálogo entre uma professora (d. Julinha) e algumas meninas estudiosas e que reforçam a importância de se aprender bem o idioma.

I - Pronuncia Francêsa

Annita - Será muito difícil, d. Julinha, aprender a falar francês?

Julinha - Sim e não. Sim, para os preguiçosos e desmemoriados, e não para os inteligentes e aplicados ao estudo.

Iracema - Quem não vê que Annita só deseja aprender praticamente a falar francês?

Alaide - E eu também. Pois já ouvi dizer que é muito fácil agora aprender-se essa língua, quer na Escola Normal e no Gymnasio, quer no Instituto do Commercio, quer ainda nos numerosos e bons collegios que já temos aqui, e até com professoras particulares, diplomadas pela Escola Normal.

• • •

Todas - Que bom! Vamos aprender a falar francês!

• • •

Alaide - Como se diz em francês - meu pai, minha mãe?

Profes - *Mon père (môn pér') ma mère (má mér')*
Por hoje ficaremos aqui.

Vou dar-lhes um exercício e amanhã recapitularemos a lição, para estudarmos as regras práticas e teóricas de fonologia prosódica quanto à língua francesa.

*Le livre de l'enfant est joli. la maison du voisin est
vaste et commode. Mon père est malade. Ma mère
est sage. j'ai ma à la tête. La vertu est aimable
Au revoir (ô-re-vo-ár)*

É possível notar que há o incentivo ao uso da língua francesa na revista e, para além do ideal de ser, falar e se comportar como um europeu civilizado, temos como relação importante neste momento o interesse dos viajantes e intelectuais, pois “a partir das primeiras décadas do século XIX, a atração pela América do Sul foi muito intensa nos roteiros dos viajantes” (Costa, 2003, p. 62) , especialmente os cientistas e geógrafos se deslumbraram com um continente inexplorado, e com a abertura dos portos às nações estrangeiras em 1808, a relação França/Brasil se intensificou nos mais diversos domínios.

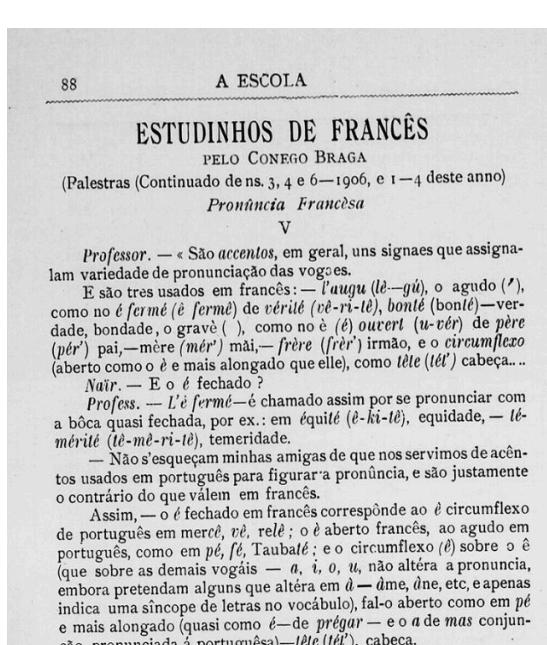


Figura 1 - Estudinho de Francês (Revista A Escola, 1907, ed. 06, p. 88)

Fonte: Autores (2025)

A tese de Benvenutti (2004) investigou o papel central que a imprensa curitibana, particularmente o jornal *Diário da Tarde*, desempenhou na representação da *Belle Époque* em Curitiba entre 1909 e 1916, especificamente acerca do modelo de cidade almejada pelos cidadãos que fosse higienizada, com grandes avenidas, com ruas calçadas com paralelepípedo e arborizadas, com praças embelezadas e construções monumentais, com iluminação e bondes elétricos aos moldes das cidades burguesas. Este desejo de modernização não coadunava com a realidade da cidade de Curitiba.

No trabalho de Rafael Augustus Sêga (2001) com título *A capital Belle Époque: a reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916)*, pois, ele firmou-se como arquiteto, e ao melhor estilo *art nouveau* projetou as residências dos ricos senhores do mate (Benvenutti, 2004).

O modelo de cidade burguesa da *belle époque* e expoente do progresso exigia a ostentação do poder, da riqueza, da elegância e também a exclusão daqueles que não se enquadravam nesse viver urbano. Portanto, para os cidadãos reclamantes, os esgotos fétidos deveriam ser transformados em aprazíveis jardins com cachoeiras ou tampados e cobertos com cimento e ferro; as prostitutas, aquelas que rejeitam o padrão burguês de mulher delicada e submissa, deveriam ser segregadas em área distintas das vistas públicas; a população pobre e os mendigos esfarrapados que catavam verduras podres, restos de comida ou que pediam esmolas deveriam ceder lugar à elegância dos cavalheiros e das senhoras vestidos com as mais fina moda europeia; os cortiços, casas de madeira, botequins e pensões baratas, ou mesmo aquele sobrado mal cuidado, prejudicavam o brilho dos palacetes e de residências com fachadas ao estilo *art nouveau* ou eclético, e portanto deveriam ser igualmente retirados da área central (Benvenutti, 2004, p.142).

De modo geral, temos a imprensa curitibana da *Belle Époque* tratando uma cidade em intensa transformação, dividida entre o desejo de se igualar às grandes metrópoles e a dura realidade de problemas básicos não resolvidos. No que tange à revista *A Escola* ela situa no período do movimento intenso quanto à necessidade de transformação da instrução pública. Bogoni (2018, p. 38) destaca que neste período “houve uma propagação dos debates, para a reformulação do ensino e que o modelo considerado adequado privilegiava projetos para a modernização da sociedade”. A instrução renovaria a sociedade ao difundir valores morais, civis e patrióticos, além da instrução intelectual.

D'ahi a indispensável utilidade de um curso de hygiene e medicina prática, dado na Escola Normal, como se faz em França. É preciso que haja em caso de desastre, de doença subitamente declarada, pessoa esclarecida que administre, esperando a chegada do médico, os primeiros cuidados e impeça as imprudências provindas da ignorância ou da superstição, como por exemplo pendurar um affogado pelos pés para fazê-lo vomitar a água, Em França criaram sociedades que dão gratuitamente cursos noturnos de maneira a deixar cada um apto para salvar a vida ao seu semelhante quando a ocasião se apresente (Lívio, 1907, p.157, grifo nosso).

Não importa ao caso haver muitas gramáticas, e algumas boas: a quantidade nem sempre é qualidade. Para o ensino da língua francesa entre nós há muitas gramáticas, uma em português, e outras em francês - adoptadas oficialmente na França - . no entanto, que satisfaça as exigências do programa para o curso ginásial, só conhecemos uma - é a do Sr. Claude Augé, sucessor de Larousse, - é esse curso dividido em três livros, e que por isso vamos adoptar nas aulas de francês do Ginásio Paranaense (Braga, 1910, p. 343).

Nas palavras de Peter (2007) a França não dominou a economia do Brasil como a Inglaterra ou Portugal, mas foi responsável pela primeira colonização cultural do país, influenciando o comportamento das elites, determinando em certa

medida os modelos de vida social e referências intelectuais, desde a filosofia até a moda, da gastronomia à literatura. Paris se tornou modelo para o mundo ocidental, segundo a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (1999, p.90) “O modelo parisiense, sob a forma de metrópole viajou o mundo no tempo e no espaço, participando das representações sociais construídas sobre a cidade moderna na América Latina”.

Quando pensamos na difusão da língua francesa, tal qual apreciamos na Figura 2, podemos indicar que a primeira instituição de ensino que ofereceu a língua francesa no Brasil em escola pública foi o Colégio Pedro II, inaugurado em 1837, no Rio de Janeiro. Na mesma cidade, no ano de 1885, foi fundada a primeira Aliança Francesa no Brasil com o objetivo de divulgar a língua e a cultura francesa. A revista *A Escola* no Paraná, em meio a este cenário, também desejava se incluir neste espaço, trabalhando com as pronúncias em francês e a explicação do funcionamento da língua, fazendo uma clara referência ao incentivo e aprendizagem do francês no Paraná.

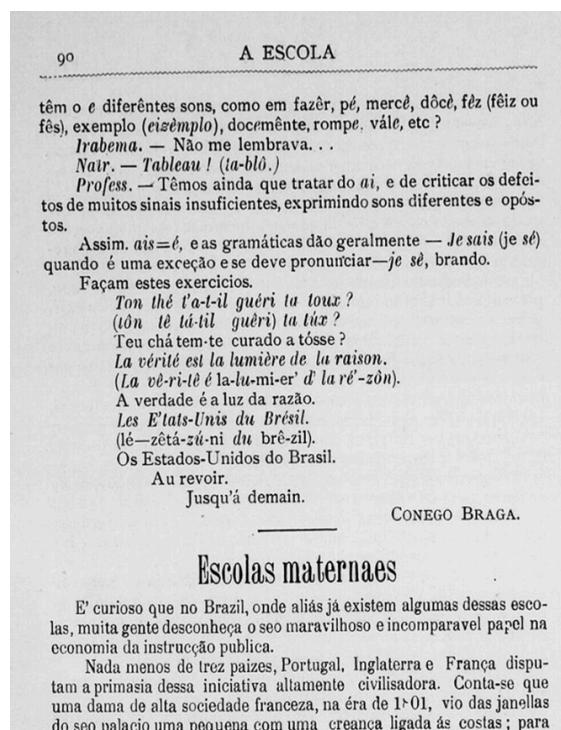


Figura 2 - Revista A Escola (1907, edição 6, p. 90)
Fonte: Autores (2025)

Devemos considerar o papel relevante dos periódicos na divulgação da língua e de um modelo francês de ser e se comportar, isso se solidifica quando anos mais tarde, inicia a formação para o ensino do francês em nosso país com a inauguração do primeiro curso superior de Língua e Literatura Francesa na Universidade de São Paulo, no ano de 1934, a princípio com um corpo docente composto por professores franceses e a partir de 1974 esse quadro muda e a regência e administração passam a ser efetuados por professores locais, conforme afirma Santiago (2009). O auge da língua francesa em nosso país se deu durante a Era Vargas (1930-1945), com a Reforma Capanema, em 1942, foi “a reforma que deu mais importância ao ensino das línguas estrangeiras. Todos os alunos, desde o ginásio até o científico ou clássico, estudavam latim, francês, inglês e espanhol” (Leffa, 1999), o francês era disciplina obrigatória oferecida tanto para o ginásio (atual ensino fundamental) como pelo colegial (atual ensino médio), em um total de 13 horas de aula por semana, ficando à frente do inglês do espanhol.

Considerações finais

À guisa de conclusão, inicialmente buscou-se aprofundar uma análise ao redor da imprensa e de sua contribuição para a pesquisa em história da educação. Conforme buscou-se apresentar ao longo das linhas deste texto, a revista *A Escola*, escrita por professores e direcionada a professores, fez circular ideologias educacionais, por meio das quais, estiveram presentes ideias de ensino cívico, moralidade, que embalaram noções de modernidade e progresso.

Ao longo da investigação foi possível perceber que a influência francesa esteve presente nas páginas da revista *A Escola* e no ensino escolar das primeiras décadas do século XX, sob o contexto da *Belle Époque*. A influência se manifesta por meio do reforço da cultura e da língua francesa, que tem um

papel relevante quando passa a ser ensinada aos estudantes brasileiros. A presença da língua francesa na revista faz parte de um contexto maior, em que a ideia de modernidade remete à França.

Mesmo que a revista tenha circulado entre 1906 e 1921, e o auge do ensino da língua francesa tenha acontecido apenas no período posterior, com a Reforma Capanema (1942), o periódico paranaense já nos dá indícios de uma herança que vem desde 1837 no período Imperial com o início do ensino da língua francesa no Brasil, por meio do Colégio Pedro II. A revista escrita por professores e que tinham professores como foco desejava incluir-se neste espaço de modernidade e cultura que a França representava e ainda representa.

Notas

1. Aqui, considera-se o termo ideologia em conformidade com Marilena Chauí. De acordo com o que raciocina a filósofa, toma-se por ideologia como “um corpo sistemático de representações e de normas que nos ‘ensinam’ a conhecer e a agir. [...] o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser” (Chauí, 1980, p.3).

2. A partir da obra *As Flores do Mal* (1857), o poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867) popularizou o termo e entendeu o *flâneur* como um caminhante, observador e crítico.

3. Esclarecemos que para este texto, optou-se por manter a ortografia original da escrita da revista.

4. Conforme complementa Neuza Pinto: “Sebastião Paraná de Sá Sotto Maior, natural de Curitiba, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, professor catedrático de Geografia Geral e do Brasil no Ginásio Paranaense e na Escola Normal de Curitiba” (Pinto, 2020, p.11).

5. Assim como Sebastião Paraná, Vellozo era “professor do Gymnásio e da Escola Normal de Curitiba, intelectual que se opunha ao ideário católico e aos dirigentes eclesiásticos, e que assumiu a direção do periódico após as seis primeiras edições dirigidas por Sebastião Paraná” (Pinto, 2020, p.11).

6. Conforme indicam Claudia Zanlorenzi e Maria Nascimento: “A publicação (da revista) era composta por artigos de opinião, por sessões com explicações de Língua

Portuguesa, de Língua Estrangeira (francês) e de Matemática, por poesias, por cartas e por notícias, tanto da capital paranaense como de outros municípios. A primeira página era reservada à opinião de vários autores, que poderiam ser os componentes do Grêmio, o responsável pela revista ou um educador renomado. Relatórios de professores também compunham o material redigido, uma exigência do Regulamento de Instrução Pública do Paraná” (Zanlorenzi; Nascimento, 2021, p.9).

7. Interessante notar que: “A palavra *bacharel* é igualmente recorrente nos artigos analisados, fato que denota sua importância enquanto vocábulo de época. Seu uso mais frequente assume certa conotação pejorativa, relacionada ao ensino academicista, de grande carga horária e poucos ensinamentos voltados para a vida cotidiana” (Marach, 2007, p. 56).

8. Conforme descreve o historiador inglês Eric Hobsbawm em *A Era dos Extremos* (1995), o período de 1875 a 1914 integrou aquilo que ele denominou de “Era de Paz”. O período foi marcado por uma estabilidade e otimismo quanto ao futuro. A partir de 1914, contudo, inicia-se ‘A era das Catástrofes’ estendendo-se até 1945.

9. O processo conhecido como Haussmannização ocorreu em Paris na segunda metade do século XIX, sob orientação do político francês Georges Eugène Haussmann (1809-1891), no governo de Napoleão III. Entre 1853 a 1870, sob gestão de Haussmann, Paris vivenciou amplas reformas urbanas voltadas ao melhoramento sanitário e ao embelezamento da cidade.

Referências

A ESCOLA. Revista do Grêmio dos Professores Públicos do Estado. Curitiba: Acervo Biblioteca Pública do Paraná: divisão estadual, 1906.

A ESCOLA. Revista do Grêmio dos Professores Públicos do Estado. Curitiba: Acervo Biblioteca Pública do Paraná: divisão estadual, 1907.

A ESCOLA. Revista do Grêmio dos Professores Públicos do Estado. Curitiba: Acervo Biblioteca Pública do Paraná: divisão estadual, 1908.

A ESCOLA. Revista do Grêmio dos Professores Públicos do Estado. Curitiba: Acervo Biblioteca Pública do Paraná: divisão estadual, 1910.

BARBOSA, Marialva. Uma história da imprensa (e do jornalismo): por entre os caminhos da pesquisa. **Intercom – RBCC**, v. 41, n. 2, p. 21-36, 2018.

_____. O que a história pode legar aos estudos de jornalismo. In: **Contracampo. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação** - UFF, Niterói 1º sem. 2005, n. 12, pp. 51-63.

BENVENUTTI, Alexandre Fabiano. **As reclamações do Povo na Belle Époque**: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, 2004.

BOGONI, Marcia Ferreira Pinto. **Ensinar a ser cidadão**: as abordagens dos docentes do Paraná na Revista A Escola (1906/1910), 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, 2018.

BULHÓES, Marcelo. **Jornalismo, literatura e convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia**. São Paulo: Editora Moderna, 1980.

COSTA, Wilma Peres. Viagens e peregrinações: a trajetória de intelectuais de dois mundos. In: BASTOS *et al* (Org.) **Intelectuais**: sociedade e política, Brasil-França. São Paulo: Cortez, 2003.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário de Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversa sobre História e Imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p.253-270, 2007.

DOS SANTOS, Darlene Monteiro; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de. A imprensa pedagógica e educação no Pará em dias de República: a revista A Escola e a Revista do Ensino como instituições de formação (1900-1912). **Revista História da Educação**, v. 24, p. e92639, 2020.

FRANCO, Paulo César Borgi. **O léxico da Belle Époque na obra de João do Rio**. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa.). Universidade Estadual Paulista, 2008.

GONDRA, José Gonçalves. Imprensa pedagógica e profissionalização do magistério: o caso do The American Journal of Education (1855-1881). **Quaestio - Revista de Estudos em Educação, Sorocaba**, v. 22, n. 1, p. 15-37, 2020.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEFFA, Vilson. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas**, APLIESP, n.4, 1999.

LIMA, Natália Dias de Casado. **A Belle Époque e seus reflexos no Brasil**. In: XI Semana de História, 2017, Vitória. XI Semana de História, 2017.

LUCA, Tania Regina de. A Revista do Brasil (1916-1925) na história da imprensa. **Travessia**, v. 32, p. 94 - 123, 1996.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

PELEGRINI, Thiago; NERY, Ana Clara Bortoleto; HONORATO, Tony. Imprensa especializada como fonte/objeto: contribuições da história cultural para a história da educação física. **Educação e Fronteiras**, v. 6, n. 18, p. 05-18, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PETER, Glenda Dimuro. **Influência francesa no patrimônio cultural e construção da identidade brasileira**: o caso de Pelotas. *Revista Arquitectos*, ano 8, 2007.

PIETRARÓIA, C. C. A importância da língua francesa no Brasil: marcas e marcos dos primeiros períodos de ensino. **Revista Estudos Linguísticos. São Paulo**, v. 37, n. 2, pp7-16, 2008.

PINTO, Adriana Aparecida. **Nas páginas da imprensa**: instrução/educação nos jornais em Mato Grosso: 1880-1910. Tese (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013.

PINTO, Neuza Bertoni. O currículo escolar sob o olhar da História Cultural e a modernização do ensino da aritmética na Escola Primária Paranaense no início do Século XX. **Revista História da Educação**, v. 24, p. e99392, 2020.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak; LEAL, Sandra do Rocio Ferreira. O papel dos articuladores

na configuração da revista “A Escola” (1906-1910). **Revista HISTEDBR On-line**, v. 20, p. e020056, 2020.

MARACH, Caroline Baron. **Inquietações modernas**: discurso educacional e civilizacional no periódico A Escola (1906-1910). Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SANTIAGO, Silvano. **Presença da língua e da literatura francesa no Brasil** (para uma história dos afetos culturais franco-brasileiros) Letras, Santa Maria, v.19, n.2, jul./dez. 2009.

SÊGA, Rafael, Augustus. **A capital Belle Époque**: a reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916). Curitiba: Aos Quatros Vents, 2001.

SODRÉ, Nelson. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da escola primária. In: SAVIANI, Dermeval *et al.* **O legado educacional do século XX no Brasil**. (2.ed.) – Campinas, SP: Autores Associados, 2006, p. 109-162.

SKIDMORE, Thomas Elliot. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

TOLEDO, CCélia Aparecida Alves de; SKALINSKI JUNIOR, Oswaldo Skalinski. A imprensa periódica como fonte para a história da educação: teoria e método. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 12, n. 48, p. 255-268, 2013.

TRAQUINA, Nêlson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística**: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005. v. 2.

VEIGA, Cynthia Greive. **Subalternidade e opressão socioracial**: questões para a historiografia da educação latino-americana. São Paulo: Editora UNESP/SBHE, 2022. 376 p.

ZANELATTO, João Henrique. **Imprensa e Poder em Santa Catarina na Segunda República**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2022. v. 14. 137 p.

ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak. História da educação, fontes e a imprensa. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 10, n. 40, p. 60–71, 2010.

ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. A Revista A escola e a educação brasileira no início do século XX. **Imagens da Educação**, v. 7, p. 24-37, 2017.

ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. Revista “A Escola” e as teses do Congresso de Professores Públicos do Paraná: ideologia liberal. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 26, p. 1–16, 2021.